

A Arte Vai à Rua

Palavras-Chave: ARTE, ARTE URBANA, ARTE CONTEMPORANEA

Autores/as:

ALEXANDRE AUGUSTO GARCIA [UNICAMP]

Prof.^a Dr.^a SYLVIA HELENA FUREGATTI [UNICAMP]

INTRODUÇÃO:

Sabemos que os ambientes urbanos são constantemente atacados por diversas ações espontâneas, individuais ou em grupo, movidas ou não de acordo com a legislação local. Uma dessas ações é denominada de arte urbana, esta que busca modificar o espaço que é entendido como público pela população.

Devido ao fato de ser um ambiente de livre acesso para todos, a alteração deste local muitas das vezes necessita de uma autorização prévia para ser executada, porém, com o intuito de entender como a recepção de uma arte se dá, houve a escolha de não buscar a autorização prévia para o desenvolvimento desta pesquisa. Para esta, foi escolhida uma praça bastante movimentada, da cidade local do artista, de fácil acesso.

Como se trata de um projeto de duração de um ano, dividido em dois semestres de pesquisas teóricas e práticas, alcançamos agora uma etapa importante de análise que manteve sua atenção para dois objetivos principais: desenvolver uma manifestação artística particular relevante às pesquisas realizadas para a escolha do local e estudar as recepções dadas pelas três partes que regem o meio urbano, o administrativo, legislativo e a população.

METODOLOGIA:

O método de pesquisa utilizado para arrecadar dados foi o da observação passiva, não houve qualquer interação entre artista proponente e as partes então citadas.

Inicialmente, quando houve a idealização do projeto, o local escolhido para o projeto artístico foi a praça central da cidade de Sumaré, do estado de São Paulo, nomeada pela população local por Praça da Matriz, por comportar uma igreja junto à praça, de mesmo nome.

Porém, no decorrer das pesquisas, foram encontradas algumas características que não se mostraram interessantes para a proposta. A primeira delas é que essa praça é muito monitorada pelo poder administrativo, de forma que guardas e policiais militares estão constantemente fazendo ronda no local. Além disso, há também a movimentação de muitas pessoas e comerciantes ambulantes em vários horários do dia, fazendo com que o ato não se tornasse tão impessoal.

A segunda opção, e que foi levada adiante, foi a praça Jardim Macarenko, que fora recém-estruturada. Ao final do ano 2017¹, iniciou-se nela o processo de revitalização pelo poder administrativo local para receber o público, algo que a tornaria mais interessante, já que ela ainda estaria sendo reconhecida pela população e, possivelmente, passaria a ser mais visitada. A partir da continuidade dos estudos sobre as relações entre Arte e Espaço Urbano, ela foi então selecionada para receber o projeto escultórico cuja se estabelecia entre o espaço de circulação e meus interesses pessoais pela matéria e forma dadas a partir do concreto, do arame e vergalhões de ferro manuseados em peças auto portantes.

Uma crítica que virá a ser debatida é a própria reforma feita na praça. Antes dos devidos cuidados e de se preparar as peças escultóricas para que elas pudessem ser recebidas pelo público, A praça possuía um ambiente com biodiversidade; diferentes plantas, árvores, arbustos e palmeiras eram encontrados em diversos locais do terreno. Porém, com a intervenção da administração pública, as plantas existentes foram em grande parte derrubadas, e substituída por uma nova vegetação, o que deixou a maior parte do ambiente livre e exposto. Assim, diminuiu-se a biodiversidade local, transformando a praça em uma “selva de pedra”.



Figura 1 – Foto área da praça em processo de revitalização. Fonte: <https://www.facebook.com/prefeituramunicipaldesumare/posts/1643979825665623/> Acessado: 01/01/2021

Resultante desses novos cuidados, a praça passou a ser mais frequentado pela população local. Ali passou também a acontecer, em todas as quartas-feiras, a Feira Lunar², oportunidade para varejistas e lojistas comercializarem seus produtos.

Outro motivo para a escolha deste local é que a praça está localizada próxima à loja de materiais onde foram adquiridos os materiais para confecção da peça escultórica, facilitando, assim, a logística, já que se pretendia que a intervenção fosse construída por etapas devidamente camufladas no cotidiano urbano da cidade. Tais etapas foram acompanhadas, a cada mudança, através registros visuais que formaram uma espécie de diário de bordo do projeto de intervenção artística. A praça é atualmente bem frequentada em todos os períodos do dia, já que possui diversas atividades, como parque infantil, academia ao ar livre e pista para corrida, dando assim maior oportunidade para ocorrerem interações dos usuários com as peças.

¹ Disponível em: <https://www.facebook.com/prefeituramunicipaldesumare/posts/1643979825665623/> Acessado: 01/01/2021

² Disponível em: <https://liberal.com.br/cidades/sumare/sumare-passa-a-ter-feira-livre-noturna-1036534/> Acessado: 01/01/2021

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Devido ao fato de passarmos por um momento pandêmico em 2020, o depósito das peças só teve início no segundo semestre. As peças começam a ser posicionadas na praça no dia 07/10/2020. As primeiras delas a aparecerem no espaço urbano foram de *Fluxus*. Houve 3 peças desta primeira série de esculturas espalhadas pela praça em diversos lugares; próxima a academia, na praça central e no campo. Após um único dia, todas as 3 peças de *fluxus* haviam sido levadas embora, não se sabe ao certo o motivo, acredita-se que pelo valor do material.

Alguns dias depois, em 22/10/2020, foi depositada a *Fixus* em sua última forma, apenas a base. A peça permaneceu intocada por dias, até que, por volta do dia 26 do mesmo mês, *Fixus* é movimentada para perto das barracas dos comerciantes, ao lado de um poste de luz. Pela disposição, esta parte a peça estaria sendo usada para se sentar, descansar enquanto se apoia as costas no poste.

Ao observar a disposição das peças e a recepção dada pela população local, foi possível perceber que a *Fixus* e a *Fluxus* haviam perdido de conexão com o local ao debater a arquitetura e as ações urbanas em vez do espaço escolhido, como proposto inicialmente. Ao observar a peça intocada em seu local e relembrar o motivo do trabalho, foi criada a peça *Uma Palmeira*, com o intuito de voltar aos princípios poéticos da pesquisa.

No primeiro experimento de *Uma Palmeira*, a peça foi posicionada no bosque das palmeiras no dia 28/10/2020.

No dia 02/11/2020, a peça havia sido derrubada e deslocada para o pé de uma palmeira. A segunda peça foi então colocada. Seguem os relatos dos próximos dias:

05/11/2020: as peças foram arrancadas e movidas juntas para outro local, ainda perto das palmeiras, porém fora de harmonia. Posteriormente, foi descoberto que garotos usam aquele espaço para praticarem futebol. No dia seguinte, as duas peças haviam sido derrubadas.

08/11/2020: as peças permanecem no mesmo local e uma delas é levantada. No dia seguinte, a segunda peça também foi levantada.

11/11/2020: é posicionada a terceira peça, agora em local diferente, porém ainda dentro do bosque de palmeiras.

16/11/2020: Posiciono a quarta peça, no mesmo local da anterior. Então, notei que jovens a dispuseram juntas para que pudessem usar as peças como traves para gols.

23/11/2020: a quinta peça foi colocada, no mesmo local das três anteriores. Nesse dia, vi que duas peças das palmeiras anteriores sumiram.

02/12/2020: durante a observação, os garotos estavam jogando bola. Encontrei uma das peças anteriores que haviam sumido quebrada, jogada aos pés de uma palmeira.

Durante o dia 05/12/2020, a praça passou por um processo de manutenção e recebeu os enfeites de Natal. Com isso, foram removidas todas as 5 palmeiras dispostas, incluindo as que ainda estavam intactas. Neste momento, temos o primeiro sinal de recepção por parte do poder administrativo, seus representantes a veem como entulho e resolvem removê-las.

Entre os dias 06/12 e 10/12/2020, foram depositadas mais duas, mas ambas também foram removidas, deixadas novamente ao pé de uma palmeira e levadas por ação provavelmente vinculada à manutenção que efetua o poder administrativo na praça. Novamente a praça passa por manutenção e recebe mais enfeites de Natal e, desta vez, as palmeiras naturais são enfeitadas.

CONCLUSÕES:

Desde o princípio, o objetivo era desenvolver um trabalho crítico a respeito do espaço urbano. Devido ao fato estar ocorrendo uma pandemia no mesmo período da pesquisa, o progresso do trabalho enfrentou alguns desafios, já que colocar as ideias em prática é fundamental para o desfecho poético principalmente no caso de propostas que tem forte vinculação com a espacialização do trabalho. A pandemia afetou o projeto, tanto que seu desenvolvimento tomou outro rumo a partir do momento em que a prática não pôde ser idealmente realizada, pelo menos a princípio. Assim, novas ideias foram desenvolvidas na busca por desenvolver o trabalho. Porém, tal busca resultou em alguns rumos diferentes, como é o caso de *Fixus* e *Fluxus*, que foram migrando a ideia principal e gerando uma nova poética.

É importante entender as diferentes recepções de forma passiva, pois não é possível prever as reações, quando e por que algo iria acontecer. A partir do momento em que as peças são deixadas em espaço público urbano, o artista perde total controle sobre elas. O trabalho ganha vida própria e está ali disposto a sofrer todos os tipos de ações fora do controle de seu criador. Dito isso, não houve, em momento algum, interesse em tentar prever os atos, ações e recepções que poderiam vir a acontecer com as peças.

Das recepções, apesar do pouco tempo disponível entre os períodos “seguros” da pandemia, foi possível perceber diferentes interações. Dentre as mais importantes, está a de que em nenhum momento as peças depositadas parecem serem consideradas um objeto artístico pelos poderes que formam um âmbito público-urbano, questão está de suma importância e considerada um problema, já que se propôs uma crítica através da arte, o que provavelmente não foi bem compreendido.

Esse fator leva à percepção de que, para que a peça seja entendida como uma peça artística, há necessidade de ser destacada diante da paisagem, seja com algo muito fora do comum ou extraordinário. Assim, para que *Uma Palmeira* fosse entendida como arte, seria necessário depositar diversas dela por dia, a ponto de modificar a paisagem drasticamente ou depositar peças tão altas quanto as palmeiras naturais. Porém, como a proposta deste projeto era que este fosse solitário e silencioso, é impossível para uma única pessoa desenvolver tais peças nessas determinadas escalas. Uma das soluções seria o envolvimento de mais pessoas ou a busca por apoio financeiro.

A população foi a que mais demonstrou receptividade, inicialmente com a remoção das peças de *Fluxus*, acredito que pelo alto valor do material e por sua diversidade utilitária. Há também em *Fluxus* uma característica que deve ter auxiliado a impressão de que poderiam ser levadas embora, *Fluxus* é extremamente leve e fácil de ser manuseada. Por fim, a população também utilizou as peças escultóricas de *Uma Palmeira* como traves de gols e como apoio, o que mostra que eles entendem aquilo como objeto da praça pública, que pode ser utilizado conforme desejarem.

Os outros dois, o legislativo e o administrativo, tiveram pouca ou nenhuma participação. O administrativo entendeu que as peças são entulhos e devem ser removidas. Tal questão, conforme mencionado anteriormente, poderia ser resolvida se houvesse modificações nas peças, ficando mais claro que se trata de peças de arte; tornando-as maiores ou depositando mais peças, com mais frequência.

BIBLIOGRAFIA

ARGAN, Giulio Carlo. História da Arte como História da Cidade. Trad. P. L.Cabra. São Paulo: ed. Martins Fontes, 1995.

BASBAUM, Ricardo (org). Arte Contemporânea Brasileira. R.J.:Rios Ambiciosos, 2001.

BRETT, Guy. **Brasil Experimental. Arte/Vida: proposições e paradoxos**. Trad. Renato Rezende. Rio de Janeiro: Ed. Contracapa, 2005.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Consumidores e Cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Trad. Mauricio S. Dias e Javier Rapp. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999.

CAUQUELIN, Anne. **A Arte Contemporânea**. Trad. Joana Ferreira da Silva. Porto: Rés Editora, s/ data.

CRIMP, Douglas. **Sobre as ruínas do Museu**. Trad. F. Santos. SP: Martins Fontes, 2005.

FUREGATTI, Sylvia; VALLE, Marco Antonio Alves do. **As esculturas públicas e a cidade contemporânea**, Instituto de artes – Unicamp 2014.

HEARTNEY, Eleanor. **Pós-Modernismo**. Trad. Ana L.D.Borges. S.P.: Cosac & Naify, 2002.

MCCORMICK, Carlo. **Trespass: história da arte urbana não encomendada**, Alemanha: Taschen, 2010

PEIXOTO, N. Brissac. (org) **Arte e Cidade**. 3 vols. S.P.:Ed. Marca D Agua. 1994.

TASSINARI, Alberto. **O espaço moderno**. São Paulo: ed. Cosac & Naif, 2001.

Arte Cidade / Zona Leste. disponível em:

<http://www.pucsp.br/artecidade/novo/urbanismo05.htm>. Acessado em: 10/03/2004.

Arte de Rua, São Paulo: História das Artes,2020. Disponível em:

<https://www.historiadasartes.com/nomundo/arte-seculo-20/arte-de-rua/>

ARTE Pública. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo356/arte-publica>. Acesso em: 06 abr. 2020. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

BANKSY. Site oficial do artista Disponível em:

<https://banksy.co.uk/>

CHRIS Burden. Site oficial do artista Disponível em:

<https://gagosian.com/artists/chris-burden/>

FRIDA Baranek Site oficial da artista Disponível em:

<http://www.fridabaranek.com/>

GEAP Latinoamérica. Disponível em:

<https://geaplatinoamerica.org/pt-br/>

GEAP Br. Disponível em:

<https://geapbr.wordpress.com/>